

CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

19



Ἰσοπέδιον ἔστιν ἄλλοτερον ἰσοπέδιον ἰσοπέδιον ἰσοπέδιον
ἰσοπέδιον ἰσοπέδιον ἰσοπέδιον ἰσοπέδιον ἰσοπέδιον ἰσοπέδιον
MHNIN AEIDE ΘΕΑ ΠΗΛΗΙΑΔΕΩ

Em síntese, podemos afirmar que estamos perante um livro de grande importância historiográfica, que analisa uma questão polémica de uma forma cientificamente correcta, sem pruridos ou parcialidades inusitadas ou juízos de valor inconvenientes. Como compete ao historiador, aliás.

Nuno Simões Rodrigues

RAÚL GONZÁLEZ SALINERO, *Las persecuciones contra los cristianos en el Imperio Romano*, Madrid: Signifer Libros, 2005, 116 pp., ISBN 84-933267-6-3.

A colecção *Monografias y Estudios de Antigüedad Griega y Romana*, na qual se insere este livro e que ali assume o número 15 da mesma, habituou-nos à publicação de textos de grande qualidade científica. O livro de González Salinero é mais um exemplo dessa qualidade, apesar das aparentemente exíguas 116 páginas que constituem o texto em causa. Efectivamente, estamos perante uma excelente síntese de um tema bastante complexo no domínio da História da Antiguidade Clássica. Bastará ler o prólogo do A. para termos a noção dessa complexidade. Insinua González Salinero que até há pouco tempo se admitia como uma realidade inquestionável que o cristianismo nasceu da religião judaica. Temos de reconhecer que há poucas probabilidades de assim não ter sido. Afinal, os eixos em torno dos quais o cristianismo se define, o problema soteriológico e a questão messiânica, são temas estruturantes do judaísmo. Mas não podemos deixar de concordar com o A. quando afirma também que, na Antiguidade, o judaísmo conheceu várias seitas e que numa determinada perspectiva ele acaba por se revelar uma fé gémea do próprio cristianismo, ao invés de matricial. Iríamos mesmo mais longe: em determinados aspectos, que envolvem sobretudo o judaísmo rabínico, o cristianismo precede mesmo o judaísmo. E ainda que o não afirme explicitamente aqui, o A. deste livro tem consciência disso.

O problema central aqui em discussão, contudo, é o das perseguições, no quadro do Império Romano. Raúl González preocupa-se sobretudo em averiguar as causas, razões, processo cronológico e consequências do fenómeno da perseguição cristã. E uma vez mais não podemos deixar de concordar com o que diz no final do livro

acerca da eclosão das mesmas: em grande medida, as perseguições movidas contra os cristãos e o cristianismo no âmbito do Império e Estado romanos são uma defesa destes contra aqueles, uma reacção contra a falta de tolerância dos que virão a ser perseguidos. Significa isso que o cristianismo acabou por ser vítima da sua própria intolerância. Ainda assim, revelou-se em muitos aspectos vencedor, em especial a partir do momento em que Constantino, qual acto político, converte o Estado à fé no Cristo. Se o que venceu foi a fórmula inicial de cristianismo ou não é outro problema, que teremos de deixar para outra ocasião.

Talvez seja esta a mesma razão pela qual os autores cristão antigos insistiram tanto na retórica do número e seguiram uma velha prática de exagerar os dados que pudessem favorecer os seus interesses. Assim se explicaria as referências a tantos martírios de tantos cristãos. Quanta abstracta que, no entanto, os dados historicamente comprováveis parecem não querer, ou não poder, confirmar. Como refere o A., «o carácter apócrifo da maioria das actas dos mártires e a tendência desmedida para a hipérbole que caracterizou os primeiros autores cristãos derivada do seu fervor religioso» contribuiu para a construção desta imagem que, todavia, não corresponde à realidade factual. Efectivamente, as investigações das últimas décadas apontam para uma redução drástica do número de vítimas na arena.

O A. passa em síntese as questões jurídicas que legitimaram as perseguições, as ideologias que as motivaram, tanto do lado dos perseguidores como do dos perseguidos, a organização institucional da igreja cristã e sua contextualização na sociedade romana, e os principais momentos persecutórios na história do cristianismo antigo, bem como os seus protagonistas. Neste sentido, o livro de González Salinero constitui um excelente manual para a iniciação ao estudo da história do cristianismo antigo, na perspectiva das suas relações com o Estado romano.

A bibliografia final, que regista apenas os trabalhos essenciais neste domínio, é apresentada por divisões temáticas. Na verdade, preferimos uma bibliografia indexada alfabeticamente e global, pois facilita a consulta dos investigadores. Mas este é um critério admissível, claro, e não é de modo algum a opção em causa que diminui a qualidade do livro em apreço.

Nuno Simões Rodrigues